

Majestades do Belo: Reflexões sobre Concursos de Beleza

Adriana Cançado¹ - PPG-UFPR

Considerados, num primeiro olhar, como acontecimentos frívolos e banais, os concursos de beleza extrapolam a primeira impressão quando observados a partir da rede de significações que os envolvem desde seus aspectos organizacionais até as responsabilidades sociais assumidas pelas jovens eleitas.

Com a perspectiva de reconstrução de redes de significações detenho-me num acontecimento específico, localizado num tempo e espaço singulares: o concurso da rainha da soja, realizado entre os anos de 1970 a 1980, em Ponta Grossa, Paraná. Este concurso chamou-me atenção pelo fato de ser amplamente comentado pelos ponta-grossenses que relembram o acontecimento com sentimentos nostálgicos e revelam ter sempre uma amiga ou parenta envolvida no processo. Somaram-se a isto alusões positivas ao período administrativo do prefeito Ciro Martins, tido como marco do desenvolvimento industrial local. Não por coincidência, o concurso teve início justamente na administração deste político.

No final da década de 1960, os discursos políticos e econômicos locais encontravam-se afinados quanto à necessidade de incentivar a instalação de indústrias na cidade objetivando sua transformação de pólo comercial para centro agroindustrial. Estas pretensões estavam em sintonia com as propostas dos governos militares em abrir o espaço nacional para investimentos de empresas multinacionais. Na pauta do governo ecoava também o estímulo ao cultivo da soja através de mecanismos de intervenção como a política de crédito rural, os investimentos diretos e subsídios fiscais e creditícios voltados para o incentivo à implantação da agroindústria processadora².

Neste rastro a multinacional Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro (Sanbra), com sede no Canadá, lançou a pedra fundamental de seu complexo agroindustrial durante a inauguração da Cidade Industrial de Ponta Grossa. Estrategicamente localizado, devido às ligações ferroviárias e rodoviárias entre a cidade e diversos pontos do sul e sudeste do país

e o porto de Paranaguá, litoral paranaense, o complexo Sanbra instalava-se sob expectativa de processar 1200 toneladas diárias de soja, de industrializar a totalidade do óleo produzido e fabricar gordura vegetal e margarina³. As pretensões econômicas de grupos políticos locais concretizaram-se em consonância com os movimentos mais amplos da esfera federal, o que ficou evidente nas palavras proferidas por Ciro Martins durante a solenidade de inauguração ao apoiar as diretrizes do governo militar⁴.

No ano de 1970, sob a coordenação da multinacional e em parceria com a Prefeitura Municipal realizou-se o 1º Encontro Nacional com a Soja, composto por uma série de palestras e cursos sobre a cadeia produtiva da soja. Integravam o Encontro manifestações culturais típicas como danças e venda de comidas e uma maratona intelectual que envolvia alunos das escolas de ensino fundamental e médio, premiados mediante o maior acerto de questões relacionadas à leguminosa⁵. Neste mesmo ano teve início o concurso da rainha da soja.

Anualmente o concurso aconteceu durante um baile, organizado pela diretoria social da Sanbra, realizado no final do Encontro com a Soja, sempre aos sábados. Nos três primeiros anos o concurso teve alcance local e apenas jovens pontagrossenses concorreram. Em seguida, o evento passou a ter duas etapas. Na primeira escolhia-se a representante de Ponta Grossa que num segundo momento do baile concorria com as candidatas rainhas de suas localidades de origem. Elegia-se então a rainha nacional da soja. Neste ponto é interessante observar que a etapa final do concurso sempre aconteceu em Ponta Grossa, cidade que centralizava o conglomerado Sanbra no sul e sudeste do país e que a conotação “nacional” limitava-se às referidas regiões⁶, potentes produtoras de soja no decorrer da década de 1970.

Desse modo, elencando as dimensões externas chego à questão central desta comunicação que é discutir o concurso enquanto um acontecimento ritual.

Ao estudar os ritos de passagem, Arnold Van Gennep⁷, concluiu que estes acontecimentos expressam a dinâmica social e compartilham um padrão recorrente mesmo dentro de uma multiplicidade de formas expressas ou implícitas. Este padrão implica em três

fases distintas que se referem à separação, a fase liminar, fronteira e a incorporação. A primeira relaciona-se com o apartamento do iniciado do convívio coletivo; a segunda com a etapa da ambigüidade quando o iniciado “é e não é ao mesmo tempo” e a terceira refere-se à reincorporação social sob nova condição. Assim como Mary Douglas⁸ e Victor Turner⁹, Van Gennep entendia a fase liminar como algo ambíguo, paradoxal e negativo. Para os três antropólogos o ambíguo significava todo objeto, ser ou instituição situado simultaneamente em dois campos semânticos excludentes e portadores de características contraditórias. Roberto Da Mata, ao estudar o carnaval brasileiro, defende a releitura do conceito de liminaridade propondo a observação de um possível lado positivo e recusando a concepção clássica de explicá-la enquanto um estado que desafia um sistema concebido como fixo, não admitindo a indecisão ou o adiamento. “O carnaval é uma festa que estimula a disputa, mas domestica, aristocratiza e hierarquiza a competitividade, fazendo com que ganhadores e perdedores se liguem entre si como grupos e entidades especiais”, com esta afirmação Da Mata exemplifica que os ritos de passagem podem transformar individualidade em complementaridade, isolamento em interdependência, e autonomia em imersão na rede de relações estabelecidas como modelo de plenitude para a vida social a existência da ambigüidade¹⁰.

O concurso rainha da soja torna-se campo propício para a análise e discussão sobre a existência de um padrão recorrente nos espaços rituais e para o questionamento da liminaridade enquanto prática negativa. Durante semanas, que antecediam a escolha da rainha, as candidatas passavam horas de seus dias participando de ensaios, jantares, entrevistas coletivas, reuniões. Todos, acontecimentos que envolviam o grupo de jovens, aparentemente, isolando-as por mérito estético e intelectual das demais mulheres da comunidade local. Mesmo considerando a exigüidade do tempo, o grupo atingia o *límen* ao vivenciar a experiência de não estarem reconhecidamente eleitas, mas cientes de que não mais pertenciam ao espaço comum destinado às outras mulheres. Este estado transitório encerrava-se com a escolha e legitimação da eleita, fase de onde emergiam as candidatas

sob outra condição social quando assumiam novas responsabilidades perante a coletividade.

Para Stanley Tambiah¹¹, os rituais são mais do que meros eventos rotinizados. Ao contrário, constituem um complexo sistema comunicativo de palavras e ações cujas interconexões devem ser objeto de análise. Para a concretização analítica propõe o exame de uma instância interna que opera transferências verbais a partir de uma lógica de escolha de elementos que melhor servem para a eficácia da linguagem ritual e de uma instância externa que se reporta ao nível de significados acionados pelos grupos em busca de objetivos institucionais. A segunda instância conduz a investigação para as relações estabelecidas entre o ritual e os contextos onde é praticado. Tambiah expõe que os eventos rituais podem variar nas sociedades e enfocam aspectos do cotidiano cujos significados não ocorrem em função de intencionalidades, mas em função de uma orientação coletiva que reconhece socialmente a eficácia da linguagem ritualística. A aproximação entre a Antropologia e a Lingüística permitiu o reconhecimento de que as manifestações rituais trazem algo de inovador. Neste sentido, Edmund Leach¹², propõe que o ritual é linguagem capaz de comunicar significados dinamizando e atualizando as redes simbólicas reconhecidas socialmente.

A partir dos aspectos apresentados por Tambiah, proponho a compreensão do concurso enquanto um sistema comunicativo cuja instância interna compunha-se de jovens e belas mulheres, integrantes de famílias reconhecidas pelo prestígio econômico, político e social, e que simbolizavam aquilo que os grupos envolvidos no evento possuíam de melhor na esfera do feminino e de suas representações. A composição do grupo das candidatas e após a eleição a formação de um grupo ainda mais reduzido – a rainha e as princesas – podem significar a reprodução intensificada de valores naturalizados nas vivências femininas. Valores estes constituídos pela beleza estética, pelo comportamento social adequado às normas da etiqueta e pelas possibilidades de circulação em múltiplos espaços: do clube às colunas sociais, da filantropia aos eventos luxuosos.

Em relação à instância externa há que se considerar dois aspectos fundamentais. O primeiro diz respeito à influência da multinacional Sanbra na realização do concurso o que, num olhar rápido, pode conduzir para uma explicação simplista baseada na intencionalidade da empresa em divulgar seu nome, fazer seu *marketing*. É claro que havia um jogo de interesses tanto que a multinacional foi premiada, em 1981, na figura da diretora do Departamento de Relações Públicas da empresa com o Prêmio Opinião Pública, na categoria Projetos Institucionais: Iniciativa Privada – o 10º Concurso Rainha da Soja¹³. No entanto a construção de um conjunto de significados e sentidos não acontece em função da propriedade da intencionalidade externa, mas a partir de um reconhecimento coletivo da simbologia envolvida no processo ritual¹⁴. Neste caso acredito ter havido uma sintonia entre os interesses econômicos e políticos com quadros representacionais de feminilidade, de preservação e renovação de conceitos morais cujo sentido era compartilhado coletivamente.

Não há paradoxismo na aparente contradição posta na idéia de preservação e renovação quando verifico que as candidatas eram publicamente anunciadas pelos seus interesses futuros que, na maioria das vezes, estavam vinculados ao ingresso em algum curso superior e à realização profissional. Por outro lado, as jovens tinham seus nomes vinculados diretamente à figura de seus pais denotando certo grau de dependência¹⁵. Este é o segundo aspecto a ser considerado no âmbito da instância externa: um período de transformações dos papéis femininos. Não mais o casamento, ao menos explicitamente, mas a profissionalização e a autonomia financeira. Emergia a representação da mulher inteligente, atuante, mas que preservasse os bons modos, o bom gosto e a estética corporal. Neste sentido, o concurso pode ser lido como uma fase liminar, onde conviviam as noções de preservação e renovação já dispersas no cotidiano das sociedades.

Parafraseando Tambiah, Mariza Peirano¹⁶ afirma existir uma ordem que estrutura o ritual, um sentido de acontecimento que é coletivo e uma percepção de que estes eventos são diferentes. Além disso, enfatiza que os rituais ampliam, focalizam, põem em relevo e justificam o que já é usual na vida social. Conivente com tais releituras de clássicos da Antropologia e da Linguística, concluo estas reflexões reafirmando a possibilidade de

compreender especificamente o concurso rainha da soja e, de maneira mais ampla, os concursos de beleza feminina para além das afirmações comuns sobre sua futilidade e em direção à reconstrução dos quadros simbólicos que os compõem e sustentam.

¹ Mestre em História e Doutoranda em História pela Universidade Federal do Paraná.

² MAZZALI, L. **O processo recente de reorganização agroindustrial: do complexo à organização 'em rede'**. São Paulo: Unesp, 2000.

³ PROJETO VISANDO A IMPLANTAÇÃO DE FÁBRICA DE ÓLEO DE SOJA EM PONTA GROSSA (PR). SANBRA. Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro. São Paulo, dezembro de 1970. p.1.

⁴ Que acompanhando a filosofia do governo da revolução, que é o de propiciar o desenvolvimento brasileiro, Ponta Grossa é o agente promotor dessa meta. Da fase das aspirações, dos projetos, passamos para a ação efetiva, com a responsabilidade de acelerar o progresso através de uma política desenvolvimentista, que dá ênfase à industrialização e à melhoria dos setores agrícolas e pecuários, [...] com reflexos [...] de subordinar os aspectos de desenvolvimento material à melhoria de condições de bem-estar social [...] nesta hora histórica em que é aceito o desafio de subdesenvolvimento, de modo corajoso e firme, em que, até agora, venceram-se os obstáculos pelo trabalho, para iniciar-se nova e gigantesca jornada, numa reafirmação solene de que aqui, evidentemente, o FUTURO é HOJE !" in: JORNAL DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.22260, 08/05/1971. p.01.

⁵ A Maratona realizada no IV Encontro com a Soja (1974) contou com a "participação de 31 estabelecimentos de ensino de 14 cidades da Região dos Campos Gerais". In: DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.2593, 104/05/1974. A competição era organizada pela Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura de Ponta Grossa e tinha como finalidade fundamental a *contribuição para a difusão dos conhecimentos relativos à Soja*. Artigo 1º do Regulamento para a Maratona publicado no jornal DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.23055, 30/04/1972.

⁶ Segundo Leonel Mazzali, no período compreendido entre os anos de 1970 a 1980 a produção da soja teve grande desenvolvimento nos estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná. A partir do fim da década de 1970, ocorreu a expansão do cultivo nos estados do Mato Grosso, Goiás, oeste de Minas Gerais e sul da Bahia. No que se refere à indústria de trituração houve concentração, no mesmo período, nos estados do Sul e Sudeste brasileiros. A capacidade de esmagamento passou de aproximadamente 10,4 milhões/t/ano, em 1976, para 20,9 milhões/t/ano, em 1979. in: MAZZALI, L. **O processo recente de reorganização agroindustrial: do complexo à organização 'em rede'**. São Paulo: Unesp, 2000. 68.

⁷ Ver VAN GENNEP, A. **Os ritos de passagem**. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

⁸ Ver DOUGLAS, M. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1966.

⁹ Ver TURNER, V. **O Processo Ritual**. Estrutura e anti-estrutua. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.

¹⁰ DA MATTA, R. Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. **Mana**. Estudos de Antropologia Social. Rio de Janeiro, v.6, n.1, 8-29, abril de 2000.

¹¹ TAMBIAH, S. A performative approach to ritual. In: _____. **Culture, thought and social**. Harvard University Press, 1995. 123-166.

¹² LEACH, E. Ritual as na expression of social status. In: HUGH-JONES, S.; LANDLAW, J. (ed.). **The essential Edmund Leach**. V.1. New York: Yale University Press, 2000. 153-173.

¹³ O Prêmio Opinião Pública integrava uma iniciativa do Conselho Regional dos Profissionais de Relações Públicas/2ª Região e, segundo seus organizadores, tinha caráter exclusivamente cultural sem fins lucrativos. Foi considerado ainda em seu segundo ano de realização um dos mais importantes da América Latina. Neste prêmio em específico o júri, composto por profissionais da área de Relações Públicas, avaliou o planejamento, a execução e os resultados dos projetos. Ao conferir o prêmio a Sanbra o júri argumentou que o *Concurso contribuiu não só para firmar uma imagem positiva da empresa perante a comunidade, como também foi um fator importante para o conagraçamento de autoridades, produtores de soja e da juventude consciente da importância dessa lavoura para a economia do país*. In: ATUALIDADES SANBRA. As opções agrícolas do Nordeste. São Paulo: Gráfica Editora Hamburg, n.73, ano XV, 1982. p.13.

¹⁴ TAMBIAH, S. A performative approach to ritual. In: _____. **Culture, thought and social**. Harvard University Press, 1995. 123-166.

¹⁵ Para exemplificar o modelo das notas publicadas na imprensa ponta-grossense sobre as jovens candidatas:
Majestade da Soja

Suzi Mara Samways, filha do casal Alcides Samways e Cleuza Samways, nasceu na capital paranaense no dia 3 de junho e já fez os cursos de teatro, fotografia, etiqueta social na Socila de Recife e também decoração. Atualmente, Suzi está cursando o último ano de Inglês no Instituto de Idiomas Yázigi e este ano cursará a 3ª série do 2º Grau / Profissionalizante – Auxiliar de Arquiteto – e pretende ser Arquiteta. Aprecia teatro, arquitetura, cinema, pintura, escultura, música, tanto a clássica como a jovem, literatura, sendo seus autores preferidos Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade, Hermann Hesse e Agatha Christie. Gosta de estudar línguas, principalmente inglês e adora viajar. Conhece as principais capitais brasileiras, de Porto Alegre até Fortaleza e também a Argentina e Paraguai. Adora praias e esportes, principalmente a natação e seu hobby preferido é colecionar fotografias. Suzi é destacada componente do Léo Clube Vila Velha e no mês de junho foi escolhida a Rainha da Soja 74, em promoção anual e já tradicional da SANBRA – Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro – e Prefeitura Municipal de Ponta Grossa. JORNAL DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, 01/01/1975.

¹⁶ PEIRANO, M. (org.). Rituais como estratégia analítica e abordagem etnográfica. In: _____. **O dito e o feito**. Ensaios de Antropologia dos Rituais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. 7-14.